

Patrimônio, Cultura e Turismo: Um estudo sobre o roteiro turístico-cultural “Caminho das Missões”¹

Ingrid Bomfim GONÇALVES²
Mestranda
Larissa Conceição dos SANTOS³
Doutora
Universidade Federal do Pampa, São Borja, RS

Resumo

O presente artigo é parte de um estudo monográfico⁴ que pretende investigar o patrimônio cultural imaterial da região das Missões e as possibilidades de preservação, promoção e patrimonialização do mesmo, com o intuito de conhecer o Caminho das Missões e compreender a potencialidade desta experiência enquanto expressão do patrimônio imaterial missioneiro, bem como roteiro turístico-cultural. A pesquisa adota uma perspectiva comunicacional. Espera-se com isso contribuir à compreensão do cenário patrimonial missioneiro e aproximar os campos de estudo das Relações Públicas ao do Turismo.

Palavras-chave

História da Publicidade e das Relações Públicas. Patrimônio Cultural; Caminho das Missões; Patrimonialização; Comunicação.

INTRODUÇÃO

O vocábulo cultura advém da palavra latina *cultura*. As primeiras aplicações do termo nos idiomas europeus retratavam algo original da palavra *cultura*, que no seu uso significava cultivar, cultivo ou cuidado de alguma coisa, tal como grãos ou animais, ou seja, a ideia de cultura ligada ao meio agrícola (THOMPSON, 2011). Com o passar do tempo essa palavra passou a ser empregada também como uma abordagem ampla e sistêmica,

¹Trabalho apresentado no GT História da Publicidade e das Relações Públicas, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia. Este trabalho é concorrente ao Prêmio José Marques de Melo.

²Bacharela em Relações Públicas pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA); Mestranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Indústria Criativa na UNIPAMPA. E-mail: ingrid_bomfim@hotmail.com.

³Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso. Professora do Curso de Relações Públicas da UNIPAMPA. Doutora em Sciences de l'Information et de la Communication pela École des Hautes Études en Sciences de l'Information et de la Communication - CELSA da Université Paris-Sorbonne (PARIS IV). E-mail: larissasantos@unipampa.edu.br

⁴Trabalho de Conclusão do Curso de Relações Públicas bacharelado na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).

como sendo um “todo complexo” que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes e todas as demais capacidades e hábitos adquiridos pelos seres humanos na vida em sociedade (TYLOR, 2014), ou como descreve Geertz (1989) uma “teia de significados”.

De acordo com Yúdice (2013), a cultura está sendo cada vez mais indicada como um recurso para melhoria sociopolítica e econômica, tendo em vista o surgimento do que Lipovetsky e Serroy (2015) descrevem como “capitalismo de tipo cultural”. Para os autores, na contemporaneidade, o capitalismo de produção está se deslocando para um capitalismo de tipo cultural, isto é, a prioridade não é somente a produção de bens materiais, mas sobretudo a criação de imagens, espetáculos, roteiros comerciais, etc. que possibilitem experiências entusiasmantes.

Em relação a concepção de patrimônio cultural, pode-se dizer que da forma como conhecemos atualmente, surgiu no início da Revolução Industrial, considerando-se que tal evento colaborou para a ampliação da ideia de patrimônio para além do âmbito histórico, levando em consideração também as realizações intangíveis (NOGUEIRA, 2007). Pode-se dizer que manifestações culturais como objetos, monumentos, saberes, conhecimentos, utensílios, etc., acompanhados de sua importância social, econômica, cultural e científica, formam o patrimônio cultural (SOUZA, 2016).

A pesquisa buscou investigar o “Caminho das Missões”, o qual é um roteiro turístico-cultural, incluso na “Rota Missões”⁵ e tem como objetivo interligar os caminhos jesuítico-guaranis originais, que eram antigamente percorridos de uma redução a outra por trilhas antigas.

Portanto, pensa-se o “Caminho das Missões” um possível patrimônio cultural imaterial missioneiro (GONÇALVES; SANTOS, 2019), pois quando fala-se em Patrimônio Cultural das Missões é inevitável que faça-se referência às expressões materiais, como por exemplo, aos sítios arqueológicos de São Miguel das Missões e São Lourenço. De acordo com Vitor (2016), as “ruínas” são capazes de transmitir o passado *jesuítico-guarani*, permitem observar e imaginar tudo o que foi e como foi um dia, e coincidentemente, identificam ou tentam identificar quem é o “missioneiro” atualmente. Entretanto, da mesma forma que essa materialidade exposta como patrimônio é capaz de gerar um imaginário e pertencimento a esse passado *jesuítico-guarani*, acredita-se que as expressões intangíveis também são capazes de despertar tais subjetividades (VITOR, 2016).

⁵ O projeto “Rota Missões” é uma política de Desenvolvimento regional, voltado para os setores do turismo, agroindústria e artesanato (PINTO, 2011, p.108).

Deste modo, o objetivo do estudo foi compreender a experiência comunicacional em torno dos caminhos turísticos ou de peregrinação, estudando as diferentes correntes teóricas do Patrimônio com foco no patrimônio cultural e imaterial, bem como os processos de patrimonialização, para, deste modo, analisar se o “Caminho das Missões” pode ou não se tornar um patrimônio imaterial missioneiro e qual o papel da comunicação neste processo.

MATERIAIS E MÉTODOS

Em função da natureza do objeto de estudo, sendo o “Caminho das Missões” enquanto percurso turístico, optou-se pela etnometodologia para dar início a abordagem teórico-metodológica.

De acordo com Oliveira e Montenegro (2012, p.134 *apud* MEHAN; WOOD; ZIMMERMAN, 1976):

a etnometodologia não trata de um método, mas de uma abordagem teórico-metodológica de pesquisa, a qual situa, no cerne da sua proposta, o estudo dos métodos que os membros da sociedade empregam, de maneira conjunta, para organizar as definições das atividades práticas diárias.

Ou seja, a etnometodologia se constitui através do estudo do raciocínio funcional do cotidiano, buscando a partir das observações do objeto de estudo, reconstruir uma explicação da realidade observada (GUESSER, 2003), isto é, busca compreender como as pessoas entendem o que se diz e o que se faz no curso cotidiano da interação social (MARTINS, 2013).

A partir disso, a metodologia utilizada para dar início a elaboração deste estudo, em sua etapa exploratória de leituras, busca de materiais em fontes diversas como livros, artigos de revistas, documentos, sites, arquivos, etc., foi a pesquisa exploratória. A pesquisa exploratória foi empregada também para a coleta de dados sobre o “Caminho das Missões”, através do site da Operadora de Turismo Caminho das Missões⁶. Além disso foram realizadas uma observação participante (MARCONI; LAKATOS, 2003) e pesquisa de campo exploratória (GODOY, 1995) no “Caminho das Missões”.

Assim, a pesquisa etnometodológica realizada englobou pesquisa exploratória e bibliográfica, além de pesquisa de campo de 3 dias e observação participante, registrada

⁶ Site da operadora de Turismo Caminho das Missões. Disponível em: <http://www.caminhodasmissoes.com.br/>. Acesso em: mai. 2019.

fotograficamente, bem como, através de diário de campo. Foram também realizados registros fotográficos do percurso e entrevistas não-diretivas (THIOLLENT, 1980) com a guia turística Estela Maris e com uma das sócias da Operadora de Turismo Caminho das Missões. Trata-se de entrevistas sem estruturação prévia ou roteiro formal, visando o levantamento exploratório de informações através da liberdade de fala e espontaneidade do interlocutor, a fim de obter informações mais detalhadas sobre a criação do roteiro turístico-cultural “Caminho das Missões”, criado por quatro sócios da Operadora de Turismo homônima, em 1999 (GONÇALVES; SANTOS, 2020).

Em entrevista realizada durante pesquisa etnometodológica ano de 2019 (GONÇALVES; SANTOS, 2019) com uma das sócias da Operadora, relatou-se que a ideia de criar o roteiro surgiu na época em que os sócios trabalhavam em uma agência de publicidade, em um contexto de ascensão do turismo na região das missões. A partir disso começaram a produzir alguns trabalhos na área de turismo.

Primeiramente, a operadora contava com produtos incluindo somente as missões do Rio Grande do Sul, com um trajeto que ia de São Miguel das Missões até Santo Ângelo, no ano posterior foi incluído o trajeto de São Borja até Santo Ângelo e após sucessivamente introduziram-se mais municípios no caminho até chegar no trajeto de 14 dias, o qual abrange os Sete Povos das Missões. Em 2012 iniciou-se a internacionalização do Caminho, incluindo na rota a Argentina e o Paraguai, buscando assim promover uma união entre os povos missioneiros e também fomentar o turismo no Mercosul.

Para a realização da observação participante, optou-se pela realização de uma caminhada de três dias, iniciando no dia 19 de julho de 2019 e findando no dia 21 de julho do mesmo ano, contando com o acompanhamento de uma guia turística. O trajeto iniciou na cidade de São Miguel das Missões, interior do Rio Grande do Sul, passando ainda pelos municípios de Entre-Ijuís e Santo Ângelo, como relata-se a seguir, a partir da transcrição do diário de campo. Nas três situações em que nomeou-se como “Mapa, cajado, amuleto e ‘bom caminho’: início da caminhada”; “Terra vermelha, céu azul e pé na estrada: segundo dia de caminhada” e “Santo Ângelo ‘Capital missioneira’: fim da caminhada, buscou-se fazer uma descrição do percurso, tendo como base critérios já estabelecidos para a análise etnometodológica do caminho, sendo eles: o percurso; paisagens e símbolos; narrativa; formas de comunicação e abordagem cultural (Quadro 1).

Quadro 1 - Critérios e temas da observação

	Percurso	Paisagem/Símbolos	Narrativa	Formas de comunicação	Abordagem cultural
DIA 1	Preparação para a caminhada - ritual; Visita ao Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo.	Escolha dos cenários, paisagens e simbologias como elementos que compõe o Caminho e representam o patrimônio missioneiro	Forma como a narrativa é construída para relatar a rota missioneira: como a história é contada, quais personagens são autorizados a falar, etc.	Diferentes formas comunicacionais empregadas ao longo do Caminho e para apresentar o projeto “Caminho das Missões”	De que maneira a cultura é apresentada; qual(is) cultura (s) é (são) colocada(s) em evidência (dos indígenas ou dos jesuítas?)
DIA 2	Início da caminhada pelas trilhas <i>jesuítico-guarani</i> ; Pernoite no bolicho (interior) para “noite de causos”.				
DIA 3	Passeio no Parque das Fontes; Final da caminhada com recepção em frente a catedral de Santo Angelo - ritual final.				

Fonte: Elaboração própria

O roteiro da observação iniciou em São Miguel das Missões (Figura 2), no Rio Grande do Sul, com a visitação do Sítio Arqueológico de São Miguel, reconhecido Patrimônio da Humanidade (UNESCO) e tombado como Patrimônio Cultural Imaterial “Tava”, lugar de referência para o povo guarani. Após a visita técnica iniciou-se a caminhada pelas trilhas *jesuítico-guarani*. Foram 31,9 km por estradas de chão, passando por propriedades rurais sendo possível avistar açudes, lavouras irrigadas e animais silvestres. A parada de apoio de almoço foi realizada na Agropecuária Everling, no distrito

de Carajazinho, interior de São Miguel. Posteriormente, seguiu-se mais 13km até o “bolicho de campanha” (local de pernoite), para uma noite de causos, lendas, jantar típico das Missões e declamações gauchescas.

Para sintetizar as observações foi elaborado um quadro (Quadro 2) com os principais apontamentos específicos de cada dia de caminhada. Vale ressaltar que esses apontamentos foram transcritos no diário de campo, isto é, a cada final de caminhada foi possível descrever as experiências do corrente dia.

Quadro 2 - Sistematização da observação do 1º dia

1º DIA	
Percurso	Visitação ao Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo; ritual de benzimento; início da caminhada pelas trilhas; parada de apoio na Agropecuária Everling; pernoite no “bolicho”.
Paisagem/ Símbolos	O Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo dispõe de um simbolismo inigualável. As ruínas, a paisagem ao redor, a simbologia marcada pelos detalhes na arquitetura e o mistério de imaginar “como foi possível construir aquela estrutura?”, despertam ainda mais a atenção do peregrino para o que está por vir ao decorrer da jornada. Em relação ao ritual de benzimento, pode-se relacionar como parte do patrimônio imaterial missioneiro, já que é uma prática passada de geração em geração e representa a fé, proteção e contato com os elementos da natureza, já que geralmente o benzimento é feito com plantas nativas da região. Ao iniciar a caminhada o peregrino entra em contato direto com a natureza do interior, pois todo o trajeto é percorrido em estradas de chão, passando por propriedades rurais. É possível avistar animais, tais como o gado, que é uma das principais bases econômicas da região, além de cachorros, cavalos, etc. Avista-se também plantações de arroz, soja e milho. Desta forma, pode-se afirmar que o trajeto tem referência com a cultura indígena, que tanto preza pelos elementos naturais, pelo contato com a terra, fauna e flora. E também retrata as heranças culturais deixadas pelos jesuítas, como por exemplo, o hábito de criar gado, as plantações e as trilhas que interligavam uma redução a outra, as quais são as mesmas utilizadas no percurso do Caminho das Missões. A parada de apoio para almoço na Agropecuária é estratégica, justamente para que o peregrino possa visualizar as lavouras com mais peculiaridade. O trajeto da Agropecuária até o “bolicho” é altamente povoado, ou seja, encontram-se diversas propriedades rurais. Quando os peregrinos passam despertam a atenção dos moradores, que sempre desejam “bom caminho”. Isto expressa a cultura “missioneira”, o jeito “missioneiro”. O ponto final da caminhada do primeiro dia é o “bolicho de campanha”, o qual é uma espécie de armazém, minimercado. O bolicho encontra-se em um casarão antigo que segundo os proprietários tem cerca de 100 anos, ou seja, um local



	<p>histórico. Os donos do local recebem os peregrinos com mate, simbolizando a herança dessa tradição também oriunda do sistema reducional missioneiro. O jantar é preparado com ingredientes típicos da culinária gaúcha/missioneira, sendo a base de carne, mandioca, farinha de milho, verduras direto da horta, ovos crioulos, etc. Um dos proprietários do “bolicho de campanha”, seu João, é contador de causos e declama poesias. Os poemas descrevem as Missões, os costumes dos gaúchos, a imaginária, as lendas e o “galo missioneiro”. Sendo assim, percebe-se que a escolha dos cenários, paisagens e simbologias</p>
Narrativa	<p>Por escolha particular da autora e em virtude da caminhada ser para fins de pesquisa, o percurso de peregrinação foi acompanhado de uma guia turística. Mas vale ressaltar que pode-se optar por uma caminhada individual sem guia, fica a critério de cada peregrino. Sendo assim, em todo lugar de visitação, bem como os trechos importantes e históricos do caminho eram narrados e explicados pela guia, que também é Historiadora e Antropóloga. A rota missioneira é construída e narrada através das duas perspectivas (jesuíta e guarani), sem deixar de ser evidenciado o lado da cultura guarani, que por vezes é pouco lembrada. Porém, quando visitou-se o Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, onde os guaranis vendem seus artesanatos para os visitantes, foi perceptível constatar o papel de coadjuvantes em que são postos. Arrisca-se dizer que são tratados como “objetos” e não como pertencentes àquele espaço, história e cultura.</p>
Formas de comunicação	<p>A Operadora de Turismo Caminho das Missões reúne uma série de elementos comunicacionais para gerar uma experiência histórica nos peregrinos. Desde o cartão do peregrino, cado, colar missioneiro, até a chegada na catedral Angelopolitana. O cerne da prática está na comunicação e nas relações sociais que se cria durante o percurso. As sinalizações do caminho são precárias, entretanto, às vezes é possível avistar uma seta indicando que se está no caminho certo. As orientações escritas com a rota do caminho também são indispensáveis, mas tendo em conta que sempre tem alguém que mora no caminho ou que está passando por ali que poderá dar uma informação. No local de pernoite a autora dialogou com os proprietários e fez perguntas informais referente a relação que eles, enquanto comunidade, têm com os peregrinos. Em resposta relataram que são muito felizes em poder receber os caminhantes em sua casa, principalmente porque as pessoas que passam por ali “sempre deixam um pouco delas e levam um pouco daqui, seja através da troca de experiências, conversas, relatos. Essa é a comunicação empregada no Caminho das Missões, é assim que apresenta o projeto, com foco nas relações sociais, no imaginário, na cultura hospitaleira, no turismo cultural, no passado que se faz presente através das heranças culturais. Pommer (2008, p. 79) fazendo referência ao Caminho das Missões aponta que: “o caminhante leva da região, tudo aquilo que interessa mostrar: uma história epopeica, virtuosa e valorativa da qual o missioneiro é produto.</p>



	Por outro lado, agrega valor à região. Um valor econômico presente na atividade com fins mercantis”.
Abordagem cultural	A abordagem cultural, conforme já mencionado anteriormente, se apresenta de maneira análoga, onde as duas culturas, tanto a jesuíta quanto a guarani são evidenciadas. Todavia, é necessário salientar que em virtude da guia que conduziu a caminhada ter trabalhado diretamente com os guaranis em seu mestrado, é possível que seja a maneira dela trabalhar, não descartando a hipótese de que outros guias possam não valorizar tanto a perspectiva guarani durante o percurso.

Fonte: Elaboração própria

No segundo dia de caminhada foram realizados 26,61km para uma visita técnica ao Sítio Arqueológico de São João Batista, no distrito de São João Velho, interior de Entre-Ijuís, o qual é Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Logo após seguiu-se até o Parque das Fontes (local de pernoite), o qual é um dos pontos turísticos do local, contando com piscinas, riacho natural e uma paisagem típica da região, com árvores e animais e um galpão onde são servidas as refeições para os turistas.

Quadro 3 - Sistematização da observação do 2º dia

	2º DIA
Percurso	Visitação ao Sítio Arqueológico de São João Batista; parada de apoio na propriedade do seu João; pernoite no Parque das Fontes.
Paisagem/ Símbolos	O trajeto do Carajazinho, local de pernoite no bolicho, até São João Velho para visita ao Sítio Arqueológico de São João Batista foi o mais árduo do percurso, pois é uma região de muitas pedras, todavia a paisagem é única. O Sítio de São João Batista tem uma quantidade de ruínas inferior e menos conservada em relação ao de São Miguel. Porém, segundo informações do zelador do local, o IPHAN irá iniciar algumas obras no Sítio. Algo que chama atenção na paisagem do espaço é o cemitério, que ainda hoje é usado pela comunidade local, com isso percebe-se um certo desprezo em referência a esse bem cultural. Além disso, encontra-se plantada no Sítio uma árvore de erva-mate, para simbolizar os ervais cultivados pelos jesuítas, do mesmo modo encontram-se algumas árvores frutíferas. Diferentemente do Sítio de São Miguel, no de São João Batista não havia índios vendendo artesanatos. No decorrer do trajeto de São João Velho até o Parque das Fontes, em entre Ijuís, o cansaço começa a chegar, no entanto, foi uma das paisagens mais marcantes do caminho. Pode-se avistar açudes, lavouras de trigo, aveia, plantações de flores. Pode-se escutar o canto dos pássaros, a calma do interior, ao longe as vezes se escutava um berro de ovelha, o barulho de algum riacho que passava perto. A guia que acompanhava em um carro de apoio não se distanciava muito,



	<p>pois este trajeto era mais pacato e tinham alguns trechos de mata fechada.</p>
Narrativa	<p>Conforme mencionado no quadro anterior, durante todo o trajeto a rota missioneira é construída e narrada através das duas perspectivas (jesuíta e guarani), sem deixar de ser evidenciado o lado da cultura guarani. Na visitação ao Sítio de São João a guia em sua explicação evidenciou as figuras que marcaram o período, como por exemplo o Padre Antônio Sepp (jesuíta) e um dos ícones missionários Sepé Tiaraju, que embora tenha origem guarani, foi criado desde pequeno pelos jesuítas. Na parada de apoio foi servido um almoço com as mesmas características da janta servida no “bolicho”, com pratos à base de mandioca, farinha de trigo, elementos esses que eram também cultivados pelo sistema missionário nas reduções. A parada nesta residência é estratégica, ou seja, não dispõe de nenhum simbolismo no local em si, a não ser o fato de estar dentro do trajeto do Caminho das Missões. A família, assim como todas que encontrou-se durante o percurso, é muito acolhedora e hospitaleira. A guia durante todo percurso orienta em relação aos km percorridos e a história daquele determinado local, também comenta sobre as experiências em grupo. Ela relatou que: “Neste trajeto (de São João Velho até o Parque das Fontes) o pessoal geralmente já vem cansado, com bolhas nos pés, querendo descansar. Aqui, nesta sombra de árvore geralmente param para contemplar a paisagem ou para comer alguma fruta que ganharam de alguma família”. Ela ainda dá dicas: “Coloca um curativo no teu pé”, “faz uma pausa para tomar uma água”, “passa filtro solar”, tudo isso, baseado nas experiências de caminhadas passadas, mesmo que uma peregrinação seja diferente da outra.</p>
Formas de comunicação	<p>O Caminho das Missões é aberto à interpretação dos peregrinos, já que são inúmeras as motivações os levam até as Missões. No segundo dia de caminhada a guia relatou sobre as experiências de caminhadas em grupo, onde alguns peregrinos buscam realizar um caminho mais tranquilo, aproveitando as paisagens, se conectando de fato com o ambiente, ora outros optam por uma peregrinação como esporte, realizando o trajeto de forma mais ativa. Contudo, é possível perceber que o caminho expressa/comunica um forte simbolismo religioso em virtude da história da Companhia de Jesus na região. O sentido do “caminhar” pelos trajetos comunica algo que vai além de uma aventura, ou seja, carrega uma dimensão espiritual. Percebe-se que através do percurso a Operadora tenta transmitir aos peregrinos uma jornada além de bonita, de convívio e trocas sociais, uma experiência de reflexão.</p>
Abordagem cultural	<p>É possível perceber, ao decorrer do Caminho, que há uma atenção na articulação dos elementos que compõem o trajeto, sobretudo em relação à abordagem cultural. A Operadora proporciona uma aproximação com a cultura local, por meio das paradas de apoio na casa das famílias. Compartilhar a mesa de almoço/jantar com esses indivíduos permite que o peregrino se</p>

	sinta como “membro” da cultura local através desse convívio, dos diálogos.
--	--

Fonte: Elaboração própria

No terceiro e último dia de caminhada percorreu-se 14,11 km seguindo por trajetos que ligavam os antigos povoados das Missões até a cidade de Santo Ângelo, a qual foi a última redução das Missões e o local de chegada do percurso.

Quadro 4 - Sistematização da observação do 3º dia

3º DIA	
Percurso	Saída do Parque das Fontes em Entre-Ijuís; caminhada nas últimas estradas das antigas trilhas jesuítico-guarani; chegada em Santo Ângelo; percurso final até a catedral Angelopolitana.
Paisagem/ Símbolos	Conforme mencionado anteriormente, todos os elementos, paisagens, símbolos, etc. que compõem o caminho são repletos de subjetividades. No último trecho de caminhada de Entre-Ijuís até a catedral de Santo Ângelo a paisagem começa a se distinguir do que se avistava durante todo percurso, pois é necessário percorrer uma rota por dentro da cidade, entretanto o simbolismo pode ser compreendido na rua chamada de missioneira, a qual leva os peregrinos até o portal da catedral. No momento em que se está na rua, quase chegando ao destino final, o sentimento é de “dever cumprido”. De acordo com as informações da guia esse é o percurso mais emocionante para os peregrinos.
Narrativa	Ao chegar na praça da Catedral em Santo Ângelo a guia narra, assim como em todo local de visita, informações acerca da arquitetura, história e os símbolos contidos no espaço, como por exemplo, o portal de entrada dos peregrinos, os arcos simbolizando as trinta reduções das missões, os monumentos simbólicos e os detalhes da catedral. Após a visita técnica na praça, dirigiu-se até a sede da Operadora de Turismo Caminho das Missões, para conhecer o local e coletar informações complementares sobre o percurso.
Formas de comunicação	Após a visita técnica na praça, dirigiu-se até a sede da Operadora de Turismo Caminho das Missões, para conhecer o local e coletar informações complementares sobre o percurso. Quem recepcionou a chegada foi uma das sócias da Operadora, chamada Marta Benatti, a qual também forneceu informações sobre a criação do projeto do Caminho das Missões, mostrou o local e se deixou à disposição para qualquer eventual dúvida. Além disso, forneceu alguns materiais impressos de divulgação da empresa. Na sede também foi entregue um certificado de participação no Caminho das Missões, o qual consta em anexo.
Abordagem cultural	Ao chegar na praça da Catedral Angelopolitana é possível avistar o portal mencionado anteriormente, o qual simboliza o passado, o presente e a cultura guarani e jesuíta. De um lado do portal consta um anjo, que representa os padres jesuítas,

	<p>abençoando um menino guarani que está com a mão estendida, indicando o recebimento dos peregrinos após a jornada de caminhadas. Deste modo, pode-se compreender que a abordagem cultural é estabelecida de modo a não deixar uma cultura em maior evidência sobre a outra. Percebe-se que o Caminho das Missões detém esse cuidado, sempre utilizando elementos tanto da cultura guarani como dos jesuítas. O certificado recebido, por exemplo, é transcrito em guarani em um lado e no outro consta a tradução em português, o que demonstra a utilização de elementos da cultura dos índios.</p>
--	--

Fonte: Elaboração própria

A partir da observação participante realizada no Caminho das Missões, pode-se considerar que a sua atração principal são as características culturais, místicas e religiosas remanescentes da experiência jesuítico-guarani a qual o trajeto está incorporado. A Operadora inclui em seus itinerários elementos que fazem referência ao simbolismo religioso agregado à história da região, expresso pela arquitetura e pelas esculturas da época reducional, as quais ainda estão presentes em museus e nos próprios sítios arqueológicos, e também pela crença guarani, povo que, ainda hoje, possui aldeias estabelecidas em algumas das localidades que fazem parte do percurso. Por isso, pode-se dizer que o Caminho das Missões, com suas paisagens, simbologias, formas e objetos comunicacionais, narrativas e abordagens culturais, expressa e comunica a cultura missioneira, e além disso, proporciona uma experiência que possibilita que o peregrino conheça o patrimônio cultural imaterial das Missões.

A experiência comunicacional se dá através do contato direto com o cotidiano do Caminho e seus personagens, crenças, atributos, sentidos e subjetividades, como por exemplo, o “bolicho de campanha”, o mate ao final da caminhada, as trocas e diálogos com os moradores da região, a misticidade que envolve a história, o ato de peregrinar, não voltado a religiosidade, mas sim ao sentido cultural e histórico, levando em consideração a questão de que a Operadora não criou o caminho para fins religiosos ou “de superar promessa”, mas sim por seu potencial turístico e cultural. Todos esses elementos comunicam a experiência missioneira, transmitem a cultura da região e colaboram para a construção de uma “identidade missioneira”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeiro lugar, faz-se necessário descrever uma breve introdução sobre o contexto histórico das Missões. Sendo assim, é importante salientar que as Missões Jesuíticas foram parte do projeto de tomada da América, elaborado pelas coroas ibéricas

durante os séculos de XVI, XVII e XVIII (VALENZUELA, 2013). A então colonização dos espanhóis na América buscou a catequização e civilização dos povos indígenas que habitavam os territórios que hoje são parte do Paraguai, Argentina, Uruguai e Brasil. Segundo Pinto (2011), o processo de fundação das Missões ocorreu em dois ciclos que contribuíram para a constituição de trinta povoados missioneiros da Província Jesuítica do Paraguai. No primeiro ciclo das Missões foram fundadas reduções no Paraguai, Argentina, Uruguai e Brasil (PINTO, 2011). No segundo ciclo consolidou-se os chamados “Sete Povos das Missões”, que atualmente fazem parte do território onde se localiza o Rio Grande do Sul.

Vale ressaltar que as Missões remanescentes de São Miguel são declaradas como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, reconhecidas como lugar histórico e tombadas como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional pelo IPHAN. Porém as questões em relação ao patrimônio intangível das Missões ainda são pouco exploradas, tendo em vista que as manifestações em relação a imaterialidade do território das Missões também são capazes de desencadear um imaginário e pertencimento ao passado *jesuítico-guarani*. Os caminhos trilhados, a música, os ritos e rituais herdados, os saberes e fazeres, são expressões simbólicas capazes de auxiliar na construção de uma “identidade missioneira”, que segundo Vitor (2016), existe porém não é algo que possa ser dado aos habitantes da região das Missões, mas sim deve ser construído e legitimado para que se caracterize como forma de pertencimento dos indivíduos que residem nestas regiões, ou seja, segundo Dias (apud VITOR, 2016, p. 5) “nesse contexto, patrimônio e identidade se misturam na medida em que patrimônio simboliza a identidade cultural de uma comunidade, pois ao se identificarem com aquele, os membros do grupo compartilham simbolismos e significados”.

Neste estudo, considera-se o “Caminho das Missões”, o qual é um projeto de roteiro turístico-cultural, criado pela operadora de Turismo Caminho das Missões, que tem sede em Santo Ângelo, como um possível patrimônio cultural imaterial missioneiro. Este caminho está atraindo o interesse de peregrinos para essa região, sobretudo pela experiência comunicacional missioneira que este trajeto proporciona.

Abreu (2010, p. 66), cita que “preservar o diverso, o diferente, o singular passou a ser um exercício de proteção à diversidade das culturas em um mundo com tendência crescente à homogeneização”, ou seja, os bens de pequenas comunidades, etnias ou grupos locais devem ser levados em consideração, pois representam uma diversidade única. Além

disso, Pérez (2003, p. 5) salienta que “por via da patrimonialização atribuem-se novos valores, sentidos, usos e significados a objetos, formas, modos de vida, saberes e conhecimentos sociais”, a partir disso elementos culturais potencialmente patrimonializáveis ganham uma nova significação.

Portanto, a partir do estudo, constatou-se que o Patrimônio Imaterial desta região ainda é pouco conhecido, explorado e estudado, o que demonstra a relevância em pesquisar essa temática, tendo em vista que o Patrimônio Cultural Imaterial, assim como o material, constitui um modo de ser cultural, econômico e social dos povos que habitam a região das Missões. Em relação a promoção desses bens imateriais, pode-se relacionar com a questão da divulgação, que pode ser feita pelos próprios órgãos públicos, principalmente pelo setor de comunicação e turismo das Prefeituras e Secretarias de cultura, ou seja, divulgar, difundir informações acerca do patrimônio imaterial da região das Missões, sobre os saberes, fazeres, lugares históricos, músicas, paisagens culturais, caminhos *jesuítico-guaranis*, como é o caso da Caminho das Missões, etc., e além disso despertar o pertencimento e empoderamento da comunidade com esse patrimônio, para que ele seja valorizado e visto como tal, mesmo não sendo registrado, inventariado ou tombado.

Conforme aponta Paiva (2008, p. 76), “comunicar o patrimônio implica em dar ênfase aos diferentes elementos que circulam em torno da preservação conceitual, isto é, da necessidade de decodificar, processar e transmitir informações carregadas de valores e sensações”. Nesse sentido, a comunicação, por meio das Relações Públicas, por exemplo, pode auxiliar o Patrimônio nas ações de divulgação do “Caminho das Missões” para o maior número de pessoas possível.

Finalmente, a pesquisa permitiu observar e refletir sobre o lugar e o papel dos povos indígenas na narrativa oficial e legitimante propagada pela Operadora turística analisada. Especialmente no Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, percebeu-se objetificação dos índios guarani, que são muitas vezes tratados pelos visitantes como “coadjuvantes” neste cenário. o entanto, cabe enfatizar que os índios são os atores principais desse contexto histórico, tendo resistido ao período reducional garantindo a sua permanência até a atualidade. Sua cultura, que embora seja enfatizada no percurso do Caminho das Missões, deveria ser mais exposta e discutida como parte fundamental do cenário missioneiro e, sobretudo, como personagens principais na narrativa originária das Missões (GONÇALVES; SANTOS, 2020).

REFERÊNCIAS

- ABREU, R. Inovação Cultural, Patrimônio e Educação. Ed: Massangana, 2010.
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.
- GUESSER, A. H. A etnometodologia e a análise da conversação e da fala. Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 149-168, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/13686/12546>. Acesso em: mai. 2019.
- GODOY, A. S. Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas possibilidades. São Paulo: Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.
- GONÇALVES, I. B.; SANTOS, L. C. Cultura e Patrimônio: o “Caminho das Missões” como patrimônio cultural imaterial. In: XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – INTERCOM SUL, 2019, Porto Alegre. Anais... São Paulo: INTERCOM, 2019, pp.1-15.
- GONÇALVES, I.B.; SANTOS, L. C. Memórias (re)configuradas e disputas de sentidos nas narrativas do “Caminho das Missões?”. In: Marta Maia; Mateus Yuri Passos. (Org.). Narrativas midiáticas contemporâneas: epistemologias dissidentes. 1ed. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2020, v. 1, p. 31-46
- MARCONI, Marina; LAKAROS, Eva M. Fundamentos de Metodologia científica. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARTINS, T. C. Ensaio sobre as Missões e (parte da) sua Produção Cultural. 1.ed. Porto Alegre: Editora Conceito, 2017.
- NOGUEIRA, A. G. R. Inventário e patrimônio cultural no Brasil. São Paulo: História, v. 26, n. 2, p. 257-268, 2007.
- OLIVEIRA, Samir Adamoglu de; MONTENEGRO, Ludmilla. Etnometodologia: desvelando a alquimia da vivência cotidiana. Cadernos EBAPE.BR, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 129 a 145, jan. 2012. ISSN 1679-3951. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/5249>. Acesso em: mai. 2019.
- PÉREZ, X. P. Patrimonialização e transformação das identidades culturais. Portugal: Celta editora, p. 231-247, 2003.
- PINTO, M. A construção da Identidade Missioneira no Rio Grande do Sul e as Políticas Culturais no Sul do Brasil. Dissertação (Mestrado – Área de concentração em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade de Santa Cruz do Sul. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional. Santa Cruz do Sul, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/301>. Acesso em: mai. 2019.
- SOUZA, M. A. F. A revitalização do museu de arte de Santa Maria: História, Memória e Patrimônio Cultural. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria. Programa de Pós-Graduação Profissional em Patrimônio Cultural. Santa Maria, 2016.



THOMPSON, J. B. Ideologia e Cultura Moderna. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

TYLOR, E. A ciência da cultura. [S. l.]: Ed. Expresso Zahar, 2014.

THIOLLENT, M. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo: Polis, 1980.

VALENZUELA, T. S. Jogos e ensino de História: uma proposta de reconhecimento do patrimônio cultural dos 7 povos das missões. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria. Programa de Pós-Graduação Profissional em Patrimônio Cultural. Santa Maria, 2013.

VITOR, A. G. O Patrimônio Cultural Imaterial da região das Missões. São Luiz Gonzaga: 2º encontro missionário de Estudos Interdisciplinares em Cultura, v. 2, ISSN: 2447-8865. Anais, 2016. Disponível em: http://omicult.org/emicult/anais/?page_id=744. Acesso em: jun. 2019.

YÚDICE, G. A conveniência da cultura: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.